

## RECURSOS HÍDRICOS

### A peleja da água



**Cássio Borges**  
borgescassio@hotmail.com

Engenheiro civil

Na edição especial deste jornal, sob o título em epígrafe, publicado no último dia 8, vejo declaração do diretor de Infraestrutura Hídrica do Dnocs, Glauco Rogério Martins, segundo a qual “se não fosse o açude Castanhão, a Região Metropolitana de Fortaleza ou estaria sob racionamento ou, até mesmo, em colapso total de água”. Fiel ao que tenho escrito neste importante veículo de comunicação, há mais de 30 anos, eu diria que nem uma coisa nem outra, visto que o açude Orós está com 53% do seu volume total de acumulação. Portanto, em plena e total condições de socorrer a Região Metropolitana de Fortaleza com água, como o fez no ano de 1993 quando foi construído o Canal do Trabalhador.

O ano de 1993 foi o final de um ciclo seco de três anos. Na situação atual, ainda estamos com dois anos incompletos de estiagem. Caso se configure uma nova seca no próximo ano, aí, sim, a partir de janeiro próximo (hipoteticamente, se o açude Castanhão não existisse), teríamos que pensar seriamente em recorrer à utilização das águas acumuladas no açude Orós, como foi feito em 1993. Não é o caso real, pois o açude Casta-



**Concordei** com a construção do Castanhão, mas com 1,2 bil de m<sup>3</sup> de acumulação, em vez de 6,7, como foi construído

**O açude** Orós está com 53% do seu volume total de acumulação. Portanto, em plena e total condições de socorrer a Região Metropolitana de Fortaleza com água

nhão existe e está com 2,8 bilhões de m<sup>3</sup> de acumulação; portanto, sem nenhum risco de faltar água para a população fortalezense nestes próximos três ou cinco anos.

O mesmo não se pode dizer da população sertaneja, haja vista que o Castanhão, apesar de estar com excepcional volume de água armazenado, por sua localização hidrográfica (cota muito baixa em relação ao nível médio do mar) e sua proximidade do litoral, não tem condições técnicas nem econômicas, do ponto de vista topográfico (altitudes), para levar água (contra a declividade?) para os 178 municípios cearenses que estão em estado de emergência.

Como levar água, por exemplo, para a região dos Inhamuns, que está a cerca de 400 quilômetros do açude Castanhão numa cota (altitude) em torno de 500m, quando este reservatório está na cota 50m? O mesmo se pode dizer em relação a tantas outras cidades do próprio Vale do Jaguaribe. Concordei com a construção do açude Castanhão, mas com 1,2 bilhão de m<sup>3</sup> de acumulação, em vez de 6,7, como foi construído.

Assim, o volume evaporado seria significativamente menor do que os atuais 18 m<sup>3</sup>/s que se perdem para a atmosfera. O que se evapora no açude Castanhão é equivalente (pasmem!) a uma vez e meia a vazão regularizada do açude Orós, de 12 m<sup>3</sup>/s. Acreditem se quiserem!